

A ARTE DE FAZER ZINES

**ARTISTAS ENCONTRAM NOS ZINES UM ESPAÇO PARA SE EXPRESSAR
E CRIAR DE FORMA EXPERIMENTAL**



A Velha Cosmopolito surgiu uma sátira as revistas femininas
(Imagem: Reprodução)

A primeira experiência com zines, geralmente, acontece meio que por acaso. São pessoas que não tem muitos recursos, mas que procuram uma forma de se expressar e passar aquilo que pensam. Por isso, eles tem um caráter não comercial e são feitos de maneira experimental; foi assim que a Velha Cosmopolito nasceu em 2012. A criadora, Kelen Carvalho procurava na época apenas uma forma de satirizar o

conteúdo de revistas femininas, mas não sabia que o que estava fazendo era um zine. “Eu comecei a fazer uma revista, eu não sabia o que era zine, eu só fui descobrir esse nicho por causa de uma amiga que me convidou para participar de um evento, aí eu vi que tinha um monte de gente fazendo isso”.

Uma revista, em inglês, Magazine, essa teria sido justamente a origem da palavra fanzine, ou uma “revista de

fã”, que são publicações feitas por pessoas que admiravam algum produto cultural e querem falar sobre ele. Os fanzines foram muito populares entre os fãs de fantasia e ficção científica e abriram espaço para esse tipo de publicação em interesses pessoais e sem o intuito de lucrar.

É desse universo que nascem os zines. Essas publicações passaram a apresentar temas diversificados e outras

comunidades adotaram a prática. Críticas sociais, contestação política ou até mesmo temas abstratos e subjetivos, zines viraram uma plataforma falar de tudo. Nele também é possível encontrar várias formas artísticas como quadrinhos, poesias, colagens, fotos etc.

Na Cosmopolito, a Velha é a personagem principal, representada por uma mulher de aparência esquisita com um corte la garçonne, típico dos anos 20. Além da revista em si, surgiu também um especial sobre a história dos cortes femininos nos anos 20. “Eu gosto dessa estética, então eu resolvi fazer uma coisa mais teórica, pesquisar quando começou essa paranoia com a estética, com o corpo e com o comportamento”, explica Kellen.

A ilustradora cria de tudo e trata com um humor ácido questões como sexualidade, comportamento, estética, sociedade e maternidade. Nessa mistura louca, concebeu-se per-

sonagens como o Sr. Cisto de Ovários, a Depre Hair, Dona Pílula do Dia Seguinte, a Creme Anti Rugas, entre outros. Esses elementos aparecem em revistas femininas, mas na Velha ganham um aspecto bizarro surreal e criticam a forma como são impostos para as mulheres. “O que eu percebi é que principalmente a Nova era ultra machista, era sempre o prazer do homem, agora com a o crescimento do femi-

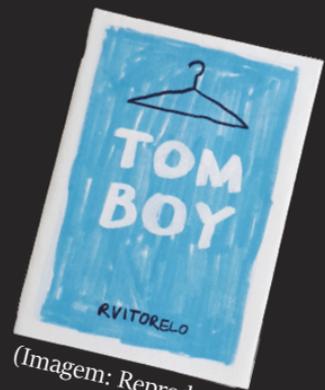


(Imagem: Reprodução)

UM OLHAR MAIS DELICADO

nismo elas começaram a engolir, capitalizar”, aponta Kelen.

Também de São Paulo, Raquel Vitorelo fez seu primeiro zine em 2017. Seu trabalho é mais sutil com um traço mais delicado, ela publicou sozinha três zines: Tomboy e Kit Gay que tratam para questões de gênero e sexualidade e Tilt que aborda religião, dor e ansiedade. “Sempre foi muito natural para mim, eu sempre gostei de fazer quadrin-



(Imagem: Reprodução)



Raquel fez “Tomboy” para questionar o que é ser mulher
(Imagem: Reprodução)

hos pra mim mesma. Eu descobri o zine na faculdade e eu comecei

“Nada substitui a presença física, porque você tá cara a cara com o seu leitor, dá trocar uma ideia e ter contato com outros artistas que também é muito enriquecedor

a ler sobre livros de artistas”.

Uma das primeiras produções de Raquel, começou através de um grupo de mulheres

artistas na internet, o ZineXXX foi um projeto do Catarse (plataforma de financiamento coletivo) que buscava dar visibilidade para mulheres quadrinistas e artistas.

Raquel acredita que hoje vivemos um dos melhores momentos para se fazer zines, a internet ajuda na divulgação dos trabalhos e há cada vez mais eventos abrindo espaço para os artistas. Em São Paulo existe concentração grande de eventos, como Feira Plana e a Feira Des.Gráfico, em ainda FIQ (Festival Internacional de Quadrin-

hos - Belo Horizonte), Bienal de Quadrinhos de Curitiba Feira Dente (Brasília). De acordo com ela a grande vantagem dessas feiras é aproximar o autor do leitor, “Nada substitui a presença física, porque você tá cara a cara com o seu leitor, dá trocar uma ideia e ter contato com outros artistas que também é muito enriquecedor”, relata

TEM ZINE NO INTERIOR?

Raquel.

Natália Schiavon é da capital e começou a fazer zines em 2015



“Azul é a cor mais Bad” trata do cotidiano com um tom melancólico (Imagem: Reprodução)

“Eu tinha algumas amigas que já estavam no circuito de fanzine e zine acaba sendo um jeito de externalizar isso”. “Eu gosto também de ouvir as conversas e anotar, a música também me inspira bastante, às vezes dá pra fazer uma história com o ritmo de uma música e as artes das minhas amigas desses círculos”. “Eu tinha algumas amigas que já estavam no circuito de fanzine e zine acaba sendo um jeito de externalizar isso”. “Eu gosto também de ouvir as conversas e anotar, a música também me inspira bastante, às vezes dá pra fazer uma história com o ritmo de uma música e as artes das minhas amigas desses círculos”.

Depois disso, nasceram o Internet Friends e o Azul é a Cor mais Bad, que ela fez em parceria com outros artistas. As histórias que Natália traz em seus zines são mais subjetivas. “Sou uma pessoa

bem introspectiva que pensa muito, então, o zine acaba sendo um jeito de externalizar isso”. “Eu gosto também de ouvir as conversas e anotar, a música também me inspira bastante, às vezes dá pra fazer uma história com o ritmo de uma música e as artes das minhas amigas desses círculos”.

Natália se mudou para Bauru há 5 anos para estudar Design Gráfico. Ela relata que em Bauru não consegue vender tanto quanto em na cidade de São Paulo, mas que tem surgido eventos que dão visibilidade para os artista

“A minha arte é bem subjetiva, é que eu sou uma pessoa bem introspectiva que pensa muito, então, o zine acaba sendo um jeito de colocar isso, externalizar isso de algum jeito e fazer uma auto reflexão

de zine. “Em Bauru tem FIZ (Feira Interativa de Zine) e o Garotas Uivantes, que vem bastante gente que produz e ajudam a divulgar os trabalhos”, conta.